

AURORA

A OBREIRA

REVISTA Nº 51
ANO 4 - 2015
JUNHO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!



NEM DEUS
NEM PATRÃO
NEM MARIDO
NEM PARTIDO!



AVE NEGRA

Os sete bandidos de Ferrer

São setes as cores do prisma,
Sete os pecados mortais,
Sete os dias da semana,
Sete as notas musicais.

São sete os sábios da Grécia,
E as maravilhas do céu;
Sete as dores de Maria,
E as filhas de Macabeu,

E as vacas magras e gordas
Com que o Faraó sonhou,
E os dias com que o eterno
Do nada o mundo tirou.

São sete as pragas do Egito
E tudo o mais que aprouver,
Pois foram sete os bandidos
Que assassinaram Ferrer!

Revista Liberal, outubro/1921

Extraído do livros "Os anarquistas
no Rio Grande do Sul"



AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 51 - Junho 2015 Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra. Artista

Anarquista. Danças das Idéias. ATB.

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus.

Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net.

barriliber@anarkio.net.

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aũ

fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: loj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado - 2015;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:

Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

OUTUBRO 2015



EXPRESSIONES

ANARQUISTAS

CAMPINAS - SP

PARTICIPE!

ente em contato para saber mais:

fenikso@riseup.net - exprana@riseup.net

anarkio.net



A MULHER INTELLECTUAL E O AMOR

Marañon não focalizou o problema da mulher intelectual como soube focalizar o conceito clássico da maternidade.

O fato de George Sand ter tido muitos amantes não quer mesmo dizer vida passional rica.

George Sand, Isadora Duncan, a Duce – todas infelizes, justamente procurando o amor e se desiludindo, incapazes de compreender, diante do máximo problema da tragédia de ser dois... Talvez a Duce tivesse amado. As outras não encontrarão o amor.

Duas grandes raças sociais – homens e mulheres – buscam-se e não encontram, justamente porque a luta dos sexos chegou a fazer de ambos duas especies, duas raças sociais com caráter específicos e... "imbecilidade também específicas"... Nem um dos dois chegou a compreender que cada qual deve aceitar o companheiro tal como é, com as suas qualidades "especificas" e os seus defeitos "específicos".

O homem tem receio da mulher superior, mas a deseja apaixonadamente.

Uma castidade da consciência a afasta das experiências

vulgares. As vezes, erra, quase sempre, na escolha do que lhe parece superior.

Mas, encontra de novo o caminho, que é retroceder... Seria imperdoável permanecer no erro, e, seria inútil insistir: é-lhe repugnante.

Em todas as classes sociais, o homem (permitam-se a expressão grosseira mas, unica:) "fareja" na mulher superior uma presa original.

E nem um deles, desde o operário mais bronco até o intelectual mais fino, nem compreende o direito de escolha a que deve ter direito uma mulher mulher emancipada. Postam-se á nossa frente, quase gritando que ali estão para serem os "escolhidos"... Que preciosidade são as exceções!...

Ha tantas mulheres "generosa", que em uma mulher excepcional, por qualquer característica especifica, pode bem se abster de o ser com os homens comuns - que são, sob todos os rótulos, os que atravessam no nosso caminho.

Compreendo, entretanto, que george sand se tenha dado a Chopin, a Bakounine, a Flaubert... Mas, infelizmente, os Bakounine, os Flaubert e os Chopin, são únicos... e nem sempre se encontram no mesmo seculo e ao nosso alcance... E os artistas, e os homens celebres – é melhor conhece-los só pelas suas obras de arte ou de pensamento...

Amo profundamente a Wagner, a Han Rynar, a Romain Rolland e Beethoven, a Einstein.

Mas, o homem mais culto e mais sábio dessa ciência a que dão o nome de sabedoria e o mais grosseiro camponês ou caboclo – são perfeitamente iguais em ralação á mulher.

A cultura, a ciência, a intelectualidade pura sem essa alta espiritualidade que vem do coração – não bastam, não satisfazem ás aspirações da mulher superior.

Todas as mulheres intelectuais encontram em seu caminho muito amor, muito entusiasmo, muita admiração dos homens, e, por mais simples ou mais modestas, podem exacerbar muito desejo.

E deviam dizer dessas coisas – como subsidio psicológico de umas paginas femininas e mais no grande livro da vida.

Não é verdade que as mulheres intelectuais tiveram sempre uma vida passional pobre. Pelo contrario.

E as que subiram muito alto e tiraram das coisas a lição correspondente, procurarão conservar a liberdade por amor ao amor...

E prezar imenso a castidade ou a austeridade sexual – porque se deveriam envergonhar da preocupação absorvente do sexo nas experiencias vulgares das criaturas comuns, que pensam encontrar no contacto sexual apenas – a suprema felicidade e que borboleteiam inutilmente atrás do impossível. Porque – amor não é contacto de epidermes...

Tem razão Maraňan, quando discute a tése de que esses "corredores" de mulheres, esses Don Juan da variedade são indivíduos de sexualidade ambígua, equivocada, em vez de protótipo da virilidade...

Para mim, o amor completo, integral, sentimental, tem de realizar a afinidade mental, espiritual, sentimental. Mas, cada um com as suas características de sexo, as suas qualidades especificas, sem que tente modelar ao outro pelo seu temperamento ou pelos seus tributos pessoais e pelo sua individualidade.

Cada qual, sendo o que é, verdadeiramente, e com coragem heroica de se apresentar tal qual é.

Demais, queremos o impossível, queremos a felicidade a dois. A felicidade não existe a dois: só ha momentos de felicidade, instantes de harmonia a dois.

E é o suficiente para alcançamos o paraíso. Compreendendo isso, sentindo-o, conseguimos realizar o milagre do Amor.

Extraído:

Livro: Amai e... não vos multipliqueis

Autor: Maria Lacerda de Moura

Editora: Civilização Brasileira

Paginas: 194 á 197

Ano: 1932





Catecismo Anarquista

- És anarquista?
- Sim, porque sou trabalhador consciente.
- Que é ser trabalhador?
- É viver do esforço do seu trabalho.
- Quando se pode dizer que o trabalhador é consciente?
- Quando conhece as causas de sua miséria e as combate.
- Que é trabalho?
- É o esforço para produzir?
- Que é produzir?
- É criar riqueza.
- É tudo que pode ser útil ao homem.
- Então o sol é uma riqueza?
- Sim, como o ar, a água, os peixes etc.
- Mas o sol não é produzido pelo homem.
- Não, por isso se chama riqueza gratuita.
- Há outras riquezas gratuitas?
- Há, o ar, a chuva, os rios, os mares etc.
- A terra será uma riqueza gratuita?
- Deveria sê-lo, porque é a matéria natural da produção das riquezas minerais e orgânicas; mas não o é.
- Por que não o é?
- Porque é possuída por alguns homens em prejuízo da maioria dos homens.

- Isso é Justo?
- Não, Isso é a causa da maioria parte da desgraças humanas, Que dirias de um indivíduo que pudesse apropriar-se da luz e do calor solar e o fizesse para vendê-los depois aos outros homens?
- Que seria um infame!
- Que dirias dos homens que se apropriam de toda a terra e não permitam que os outros a cultivam?
- Que são infames.
- Que dizes de uma sociedade que mantém esse regime?
- Que é uma sociedade de prejudicial ao homem e portanto precisa ser reformada pela extensão do direito de propriedade particular.
- Quem mantém essa propriedade particular?
- O governo, isto é, alguns alguns homens que pretendem dirigir os outros homens.
- Qual é o meio de que lançam mão para tal fim?
- A lei, e para garantir a lei o soldado.
- Que é lei?
- O conjunto de regras impostas pelos reis, conquistadores, capitalistas etc... às classes trabalhadoras com o fim exclusivo de manter a propriedade particular, isto é, a posse das riquezas, e regular a sua transmissão.
- O que é soldado?
- É o trabalhador inconsciente que se sujeita aos possuidores da terra para manter essa posse a troco de um miserável pagamento.
- Como se sujeita a ele?
- Sujeita pela disciplina.
- Que é disciplina?
- É a escravidão da vontade do soldado ao seu superior. O soldado obedece ao que lhe mandem sem como nem porquê.
- Qual é o ofício do soldado?
- Matar.
- Mas a lei não proíbe matar?
- Proíbe, mais se o soldado matar um trabalhador que protesta contra o governo, a lei declara que o soldado é virtuoso.
- O papel do soldado é digno?

- Não. É o mais vil possível.
- E como trabalhadores se fazem soldados?
- São iludidos pelos governantes e arrastados pela miséria.
- Como conseguem iludi-los?
- Com fardamentos vistosos e inflamados neles o preceito do amor à pátria?
- É um sentimento mesquinho que leva o individuo a supor que os que nasceram no seu território são superiores aos outros homens.
- Esses sentimentos leva a más conseqüências?
- É o elemento principal que arrasta as massas humanas à "Guerra".
- Que é guerra?
- É o processo de dominação pela morte.
- Como se explica?
- A história mostra que os "grandes" de uma nação armavam soldados, adestravam-nos e subjugavam pela força os homens de outras terras, ou pera escravizá-los, ou para se apossarem da lavoura, suas minas, de suas riquezas até mesmo de suas mulheres. Os diretores dessas guerras, um Cambyses, um Alexandre Magno, um César, um Napoleão. Eram simples bandidos que procuravam justificar suas invasões com pretextos fúteis de "honra, vingança, amor à Pátria". Hoje as guerras são as mesma coisa, luta por causas de colônias, de comércio, de capitais comprometidos.
- Que faz a guerra?
- São os capitalistas, por intermédios dos diplomatas e pelos canhões movidos pelos soldados.
- Que fazem os soldados da policia?
- Mantêm a chamada ordem ou "hierarquia", isto é o regime de autoridade pelo qual os inferiores se subordinam aos superiores. Desde que alguns trabalhadores procuram levantar-se contra os exploradores a policia intervém para "manter a ordem" isto é obrigar os trabalhadores a se submeteram à exploração.
- Como reformar isso?
- Extinguindo a propriedade particular e tomando posse da terra coletiva.

- Mas fará essa reforma?
- Os dirigentes capitalistas não farão porque seria contrários dos seus interesses; logo essa reforma só pode ser feita pelos trabalhadores.
- Como se chamará o regime da propriedade coletiva?
- Chamar-se-á Anarquia.
- Que significa esse nome?
- Significa "não-comando", isto é, exclusão dos superiores e portanto "igualdade, não autoridade".
- A anarquia existe ordem?
- É o único meio de obter ordem e verdadeira ordem, que hoje é mantida apenas pela compreensão. Basta que por um dia suprimam a polícia e o exército para a "desordem" atual se manifeste em desmando de toda a espécie¹.

¹. Rio de Janeiro, 1918

Extraído:

Livro: Um século de história político-social em documentos

Autor: Edgar Rodrigues

Editora: Achiamé

Página: 150 á 152

Ano; 2005



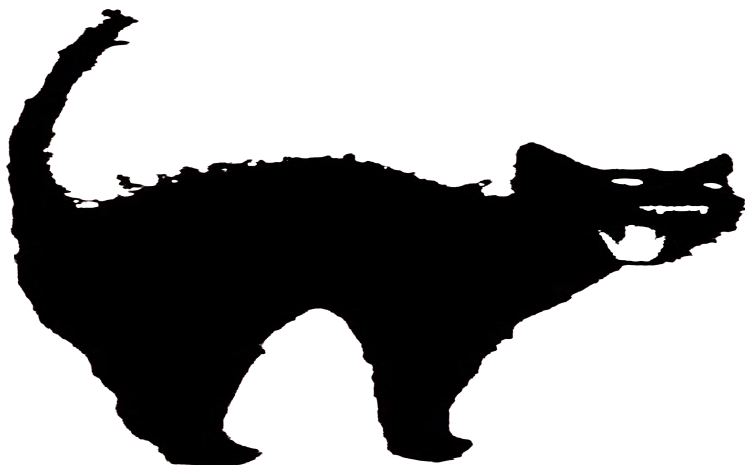
NENIO ARMEO

nenhum exército



DEFENDAS LA PACO

defende a paz



Quilombo. O início da Independência

Creio que é a primeira vez que se dá ênfase a essa comemoração. Já era tempo, porque que se fazia antigamente, aquela que ensinava na escolas, era deformação completa do que foram os quilombos - que eram apresentados como redutores de escravos fugitivos, malandros, criminosos, vivendo na maior promiscuidade.

A perseguição aos escravos fugitivos era glorificada e a figura do capitão-do-mato, exaltada. As gravuras da época, naturalmente feitas segundo essa tradição, apresentavam o perseguidor magnificamente trajado, montado em feroso corcel, arrastando os negros esqueléticos, com o faciem pior que podiam arranjar. A destruição dos quilombos teriam sido uma obra redentora, uma limpeza do terreno, destinada a restaurar o princípio da propriedade, a ordem, a moralidade.

Pesquisadores do porte de um Edson carneiro, sociólogos como Gilberto Freire, escritores como Edgar Rodrigues desmentiram essa infância histórica. Daí, o conhecimento melhor e competente desse episódio, cuja grandeza ainda desta vez não esta sendo totalmente revelada.

Porque não será exagero apontar a epopéia dos quilombos como o inicio da Independência do Brasil. Pois foi com esses negros que nasceu a luta pela liberdade. Basta citar, cronologicamente, a data do Primeiro quilombo e a primeira expedição punitiva: 1602.

Como colonização portuguesa, inicia-se a historia das lutas

sociais no Brasil. A agricultura dominava a economia brasileira. Portugal, em consequência de um tratado com a Inglaterra, não grandes fazendeiros permitia a instalação nem de indústria rudimentares. As primeiras tentativas de siderurgia foram assim proibidas no Brasil, como em outras colônias. Havia um artesanato sem expressão, formado por pequenas oficinas interligadas, produzindo para os senhores do engenho e para o governo. A agricultura vivia de mão de obra escrava, alimentada pelo tráfego de negros da África chamada portuguesa. Esses escravos, depois de uma viagem em miseráveis condições, eram desembarcados e vendidos aos grandes fazendeiros que dominavam vastas áreas de terra.

A má alimentação, os espancamentos, o rigor do cativo, os castigos, tornavam mais odiosa a sujeição. As torturas são, hoje, peças de museu. Mas eram essas peças que mantinham a escravidão, submetendo homens arrancados de suas aldeias e transportados para outras terras, onde a condição humana lhes era negada.

O que o admirável e deve ser exaltado é a capacidade de resistência moral desses escravos, que souberam reagir contra a desigualdade social, começando a escrever, a um só tempo, as reivindicações sociais e a independência contra o colonizador-opressor.

Foram esses negros que não se abateram pela tortura; que preferiram a liberdade, arriscando a própria vida, que fundaram as primeiras coletividades livres no país, os núcleos iniciais da independência. A epopéia que começaram a escrever, com bravura, heroísmo e espírito de organização, foi seguida por outros brasileiros, brancos, pretos ou mestiços, nas diferentes tentativas pela independência em Pernambuco, na Baía, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul.

Confinados nas senzalas e supliciados, os escravos organizavam-se em associações clandestinas, para conseguir dinheiro. A rudeza do trato e as condições de um sistema imposto pelo colonizador obrigaram o trabalhador rural a declarar guerra a esse tipo de propriedade privada, às autoridades que prestigiavam o sistema e ao latifúndio que o obrigava.

Essa é a origem dos quilombos. Não era possível a reivindicação

dentro de um sistema que não comportava reivindicações. Daí, a fuga. E como a perseguição se fazia cruel, os fugitivos se agrupavam, estabelecendo a resistência.

Formam-se os quilombos. As fuga do trabalhador rural passou a obedecer a um planejamento que se aperfeiçoou, pondo em xeque a economia feudal e desafiando os exércitos da monarquia portuguesa. Nada do banditismo do cangaceirismo dos negros, da heroicidade só reconhecida nos aguerridos exércitos que derrotaram e destruíram as rebeliões camponesas e as comunidades perfeitamente organizadas. Porque os quilombos foram mais do que simples agrupamentos de fugitivos, porque organizavam povoados, fizeram plantações, criaram comunidades, resistiram anos e anos a repetidas expedições punitivas. A relação dos quilombos, a descrição dos mais importantes como Rio Vermelho (1632); Itapicuru (1636); na Baía; Rio das Mortes (1751), em Minas Gerais; Malonguinho (1836) nas vizinhanças do Recife; de Manuel Congo, em Pati do Alferes, Estado do Rio, revelaram um estilo de vida e uma sociedade que pôde servir de modelo.

O Quilombo dos Palmares teve uma organização social digna de estudos. Era um regime comunitário, onde não circulava dinheiro. Mas foram necessários 18 expedições, comandadas por capitães-mor, por altas patentes militares e milhões de soldados, durante 92 anos, tomaram as terras, destruíram as plantações, mataram e venderam os negros que conseguiram aprisionar. A figura de Zumbi, assinalada como herói do quilombo, deve ser reverenciada como primeiro homem que lutou pela liberdade e pela independência do Brasil¹

¹ Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1973. Depoimento do historiador Hélio Silva, embasado em nosso livro Socialismo e Sindicalismo no Brasil - 1675 -1913.

Extraído:

Livro: A NOVA AURORA LIBERTARIA (1945 -1940) Autor: Edgar Rodrigues

Páginas: 226 Á 227

Ano: 1992

Editora: Achiámé

Votamos nulo

Por Política

De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



Organização Autônoma

Sem Partidos, sem Patrões,

Sem Estado!



POR NÓS, NÃO PASSARÃO!

Contradições do Século 20

O século 20 vai chagando ao fim

Sua história escrita com sangue humano de duas guerras mundiais, centenas de pequenas guerras, revoluções, revoltas, conflitos de raças, de cores, de religiões, de idéias políticas, sociais, de petróleo e de dólares.

Soma-se ainda as lutas de classe e por melhor salários, a brutalidade das ditaduras, das prisões por delitos de opinião, as torturas, os assassinatos, fuzilamentos, sequestros por divergências religiosas, políticas e para cobrar resgates em dinheiro; o empobrecimento de cerca de um bilhão de pessoas e o enriquecimento astronômico de alguns envenenadores da natureza, destruidores das florestas, poluidores dos mares e dos rios.

A ambição cega gente que só pensa no hoje!

O século 20 registra também a existência de grandes tiranos como Hitler, Mussolini, Salazar, Franco, Stalin, Fulgêncio Batista, Peres Gimenez, Pinochet, Fidel Castro, Vizela, Getúlio Vargas, Saddam Hussein, Aiatolá Khomeini e centenas de verdugos da pior espécie, na África, na Ásia, na Europa, "socialistas", nazi-fascistas e democratas, no mundo árabe, na América.

Século de grande progresso tecnológico, eletrônico, ida à Lua, da descoberta da energia atômica e todo um acervo de armas que podem destruir o nosso planeta mais uma vez. Revelou especialistas em matanças coletivas, em genocídios, formação nas academias militares para desencadear guerras computadorizadas, trusts do comércio, da indústria, dos bancos, do petróleo e grupos ricos e poderosos da Igreja Universal do Reino de Deus, de seitas evangélicas e muçulmanas que detém fortunas colossais com ajuda eletrônica, no Brasil, na América do Norte e no mundo árabe.

E o Homem o que ganhou com tantos avanços tecnológicos?

É menos pobre? Dispõe um mínimo de tranquilidade e de bem-estar?

As mudanças do século 20 incluem proporcionar a felicidade humana?

A tecnologia inventada e desenvolvida pelos cientistas e pelos técnicos lembra-se do seu criador? Da sua felicidade, da dos seus, da sociedade? Atende os interesses da Humanidade ou só as ambições de uns poucos magnatas desprezando o centro desse universo: O HOMEM?

Não há sociedade feliz enquanto gente como nós dormir nas calçadas, de baixos dos viadutos, nos prédios em ruínas, em "casas de latas" e morrer aos poucos de fome.

O século 20 revelou um outro progresso, filho do terror político, da exploração desenfreada, do racismo, da religiosidade canibal, cujas "vitórias cantadas", afrontam a inteligência, os direitos humanos e a liberdade de pensar em voz alta, de populações imensas que dominam com mão de ferro.

A Europa chegou a ser "governada pelo terror dos campos de extermínio nazi-fascistas. Antes do Pan-Germanismo e o Czarismo que apavorou as populações pacifistas, antiguerreiras. Rios de sangues correram na Europa, na América e na África até na implantação do Bolchevismo em 1917, na Rússia e seus satélites. Milhões de pessoas direcionaram sua fé e suas esperanças para esses países. Chegou-se acreditar que a igualdade econômica e social, felicidade humana para todos os habitantes do nosso planeta viria do Oriente. Foram mais de 70 anos de esperança e expectativas em vão... Agora todos os sonhos caíram por terra! Só a pobreza e a desolação dos oprimidos persistentes em doses assustadoras.

Ao findar o século 20 a democracia usada pelo Tio Sam para invadir e explorar países na América Latina e os ingleses e franceses para saquear e colonizar povos no Ásia, na África e até na Europa, perdeu a sua cotação.

O partido comunista inclusive os dois brasileiros, pensam em mudar de Rússia (das liberdades máximas, do socialismo real) é posto fora da lei, proibida a sua existência, exatamente como não faz a muito tempo os comunistas proibiam manifestações a organismos

que não fossem os seus, principalmente depois que um grupo de marajás soviéticos tentaram depor do governo renovador(?).

dispuseram-se a dar mais um golpe, desafiar o governo, fuzilar os "traidores" do comunismo e continuar explorando a boa fé do povo. Só que desta vez o POVO russo repetiu a "revolução popular espontânea de Fevereiro de 1917": saiu às ruas e derrotou o exército pondo para correr os golpistas! (Foi este POVO que derrubou a corja de bárbaros comandada pelos Romanoffs, destruiu uma dinastia seculares e expulsou o Czar, em fevereiro de 1917).

Nesta ultima década do século 20 as esperanças parecem volta-se para o "socialismo democrático". No entanto as democracias empobreceram a América Latina e tal como a islâmica apoiava ditames do Corão, não avança com o propósito de reduzir as diferenças sociais, a miséria reinante nos regimes fortes e nos liberais, chegando para muito ser de fome absoluta. O socialismo em alguns países também é hoje apenas rótulos.

E não se espere que o século 21 diminuam as disputas pela supremacias tecnológica, com os fortes ameaçando os fracos, para lhe vender armas enquanto milhões de pessoas morrem de fome.

Se os poderosos não pararem para pensar e fizer reverter a volúpia do poder do homem e do Estado, será o século da catástrofe: a população e as substâncias químicas ajudarão as armas a destruição da Humanidade.

Só uma EDUCAÇÃO NOVA, humanizada para todos, embutida num sistema redistribuidor de riquezas naturais e das produzidas pelo trabalho de todos e de cada um poderá salvar a Humanidade.

Em síntese: o século 20 chega ao fim marcado pela ambição neurótica do homem, contrariando o conceito cristão de que somos todos irmãos.

(Flor do Tâmega - 02-10-1992).

Extraído:

Livro: O Homem em busca da terra livre Autor: Edgar Rodrigues

Paginas:236 á 238

Ano:1993

Editora: VJR - Editores Associados

18 Aurora Obreira Junho 2015



EXPRESSIONES

ANARQUISTAS



Queremos controlar nossas próprias vidas!

Quando falamos numa sociedade brasileira falamos simplesmente numa civilização de troncos de escravos, onde somos "educadamente" subordinados sempre falam de democracia, poder para o povo, eleições, direitos, coisas bonitas.

Mais quando o voto é obrigatória e as pessoas voltadas as questões sociais são massacradas, por lutarem exigirem seus direitos fazendo da democracia além da farsa eleitoral são reprimidas, presas, torturadas.

As ruas não são mais publicas, são privadas, só é permitidos atos com a legalidade daqueles que estão no controle, como atos que não promovem mudanças sociais, como trocas de papeis de direita para esquerda ou vise-versa, de um partido para o outro, trocas de figurinhas

Como no caso do impeachment que na verdade seria mais um golpe de estado, mais que para o povo não teria nenhuma mudança real.

O povo esta sempre indo além dos votos, mais a ditadura mascarada reprime todos os atos como a questão dos Black Blocks que fazia linha de frente nas manifestações em defesa dos explorados e oprimidos mais sendo julgados como vândalos e criminosos por quebrarem vidros de bancos e criar barricadas nas ruas, para ganhar tempo dos homens da lei que

uns meses atrás quebraram os vidros de suas próprias viaturas e expulsaram moradores de seus próprios lares lançando bombas de efeito moral e balas de borrachas em mães e crianças, expulsando de suas casas para o estado construir no lugar o estacionamento da copa do mundo.

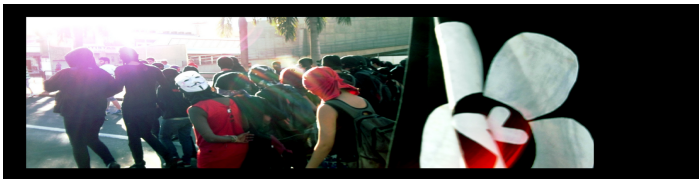
Cabe lembrar que nas entrevistas com os policiais em meios a esses atos, eles eram favoráveis aos jovens, mais os policiais que negava a obedecer tais ordens perdia o emprego.

Não vemos precisamente nenhuma democracia além do voto.

Aliais voto? Temos que abolir as eleições os fantoches e criar uma democracia direta, pois ser obrigado não é nada democrático, além do mais somos capazes de controlar nossas próprias vidas com uma democracia direta direta e autogestionária.

Cleber Aleixo 20/02/2015





O Culto da Cruz

É sempre interessante o confrontar as crenças, costumes etc., dos diferentes povos. Desse confronto, resulta uma elucidação, um esclarecimento, uma utilidade em suma.

Desde remotíssimas eras que o homem têm rendido culto à cruz.

Os cultos são, em regra, mas ou menos destinados a manter, na mente humana, a memória de qualquer fato social importante que, de outra maneira, facilmente esqueceria.

Algumas vezes os cultos, certos cultos, não se referem a verdadeira utilidades sociais, mais sim as vantagens particulares de casta ou seita. Esses só terão influência na sociedade enquanto durar a da casta ou seita; influência temporária, é bem de de ver; influência apenas de exterioridades, que não de sentimento ou consenso unânimes.

De outra vezes, os cultos, embora prestados a verdadeira utilidades sociais, quebram o seu prestígio e potência quando já não tem razão de ser, por já não poderem servir estas utilidades e o progresso das idéias haver dado às massas outros objetivos.

As religiões desempenham um papel útil às sociedades numa época em que a mentalidade das massas alimentava essencialmente da fantasia e a rudez da sua inteligência não suportava, por seres incompreensíveis ou não terem ou não terem seus olhos, prestígio suficiente, os processos explicativos sob a forma cruamente científica. Era sobre tudo necessário falar-lhe à imaginação e desta necessidade proveio o simbolismo que caracteriza as religiões. Por intermédio das cerimônias culturais se fixaram os primeiros conhecimentos científicos e artísticos, bom como a descobertas industriais. O aparato dessas cerimônias faria a imaginações dos povos como hoje ainda sucede com todas as manifestações espetaculosas (e tanto mais grandiosa forem). O o povo sempre apreciava muito aspecto teatral de certas solenidades.

Assim o culto de Ceres, o culto do touro Apis, o culto do deus Martelo, etc. etc., eram, ao mesmo tempo que a glorificação da agricultura, do touro negro como ótimo para os trabalhos do Campo, da Metalurgia etc., o modo de infundir respeito e amor por essas conquistas do gênio humano. Os templos de Sérapis, de Esculápio e outros gênero, alimentavam os mesmos sentimentos para com a Medicina.

Desde amor e respeito, resultava o desejo de maior cultura e desenvolvimento das ciências e indústrias e maior afã em não perder os bens já alcançados.

Mas, quando a classe sacerdotal, envolvendo no denso véu do mistério todas as descobertas, todos os processos do saber; e de cada vez mais espesso tornando esse véu para limitar a um reduzido número de iniciados os conhecimentos e bens obtidos, começou a sair do santuário para influir diretamente nos destinos dos povos, as religiões perderam o caráter primitivo de utilidade pública; tornaram-se improgressivas; pretenderam limitar os povos num cinto férreo de preconceitos ancestrais; visaram cristalizar a sociedade nos moldes antigos e degeneraram num meio perigoso de escravização social.

Ora a cruz teve um culto quase pode dizer universal, desde a idade da pedra. E por quê? Porque ela era o símbolo de uma importante descoberta do homem primitivo; descoberta que foi para a humanidade, verdadeiramente, a sua salvação, a sua redenção.

Essa descoberta que foi a do processo de se obter fogo; e a cruz era a imagem do instrumento que serviu para produzir o lume.

Pode-se fazer uma ideia aproximada - hoje que a civilização nos tem cercado de tanto conforto e beleza, fechando, é claro, os olhos de muita miséria e hediondez - do que seria a vida do homem Pré-Histórico, rodeado de perigos de todo o gênero, perseguido pelas feras, vivendo ao relento, alimentando-se do produto de caça e da pesca, das raízes do frutos silvestre, passando um longo período de penúria nas épocas de esterilidades, ignorando os prazeres da cozinha, não podendo aquecer se não ao sol quando havia, suportando a inclemência dos longos invernos; açoitado pelas tempestades, lapido, pelo granizo, tendo por únicas armas de defesa o pau e a pedra, e por único abrigo, quando era possível, a caverna

disputando aos animais ferozes.

Imagine-se, pois, o que teria sido para o homem dessas eras remotas, o prodígio da descoberta em questão! Como a vida lhe transformou! Como os horizontes se lhe alargaram! E como se pode afirmar, com razão, que essa descoberta representa o resgate da humanidade da vida precária e inferior que se vivia nesses recuados tempos.

Natural foi, portanto, que o homem pré-histórico tomasse o fato como um bem celestial; que lhe rendesse culto por isso; porquanto, na sua tendência animista, ele haveria de ver, no maravilhoso da descoberta e na forma misteriosa como um lume brotava, a influência de deuses ocultos ou da "alma" benfazeja das coisas que pôs em jogo.

Hoje, que nos orgulhamos da nossa civilização; que basta um simples riscar de um fosforo ou num mero banal mover de um botão elétrico para obtermos luz e calor que fartem, não deixa de impressionar a algumas pessoas que, de dois pedaços de madeira, esfregados um pelo outro, possa brotar faísca redentora.

Efetivamente, por mais estranho que pareça, foi pela fricção de dois paus que o homem era da pedra polida, conseguiu produzir fogo.

O fato está plenamente averiguado, não só porque ainda hoje alguns povos como os bosquimanos ou os canacas por exemplo, se servem desse progresso, mas também consta dos momentos pré-históricos nos quais se vêem gravadas, na pedra, as imagens dos instrumentos primitivos já aperfeiçoado pelo progresso.

Os primitivos produziam fogo, esfregando o pau numa cavidade escavada noutro, para o que faziam girar rapidamente entre as palmas das mãos como bate chocolate. Um dos paus era curto e de madeira macia ao passo que o outro comprimido e rijo. A disposição para o manejo afetava a forma de um T, como era de prever; e foi esta, realmente, a primitiva figura cruz.

Com os aperfeiçoamento produzidos, o Tau inicial modificou-se na cruz gamada - isto é: os dois paus eram cruzados e cada um revirado nas extremidades em sentido oposto. Desta maneira podia-se fixar em qualquer superfície, a cruz, pregando quatro cravos, juntos ao vértice de cada ângulo interno das referidas

extremidades. No ponto do cruzamento, escavava-se uma cavidade, dentro da qual girava um terceiro pau em posição perpendicular à superfície. Para fazer revolutear este pau, passava-se em torno de uma volta ou duas de uma corda presa a uma superfície de arco de rebecão ou de besta e imprimia-se movimentos de vaivém ao mesmo arco como quem toca rabeção. O resultado era um pau girar rapidamente dentro da cavidade se despunham untadas de óleo, auxiliando-se a ativando-se a combustão com o sopro.

Esta nova disposição do instrumento de produzir o lume, em forma de cruz gamada é a suástica, cuja a imagem também se vê gravada nos monumentos de cultos dos povos da Antiguidade e bordada ou desenhada nas vestes dos sacerdotes desse tempo.

Na idade do bronze, aparece a imagem da suástica gravada em grandes números de vasos antigos de Tróia, e Rodes, de Chipres, da Grécia, da Itália. E note-se como altamente elucidativos: milhares de anos depois, na era do cristianismo, a mesma suástica se encontra na túnica de um coveiro cristão das catacumbas de S. Calisto em Roma.

O culto da cruz, quer Tau, quer gamada, remonta, como já se disse, à mais alta Antiguidade, muitos antes da época em que se diz ter vivido Cristo.

Os templos de Benaris e de Mutra, no Indústão, tinham a forma de uma cruz do comprimento de 1.500 metros.

Seiscentos anos de viver Cristo, já a religião búdica consagrava a suástica. No peito de uma estatueta de Buda ou Çakia-Muni, fundador do budismo aparece gravada na figura deste instrumento.

Na Coréia, um marco em forma de cruz latina, tendo na parte inferior grosseiramente esculpido um rosto humano, encarna o "espírito" protetor dos campos.

No Egito, o sinal da cruz é antiquíssimo. Grande parte dos monumentos, os vasos consagrados às cerimônias religiosas, as vestes sacerdotais ou guerreiras adornam-se frequentemente com a cruz gamada - a suástica. Aparece também nas mãos das divindades egípcias, amiúde tendo a forma de cruz ansata - isto é: cruz grega cujo uns dos ramos fosse munido de um anel ou ansa, pelo qual lhe pega a divindade.

No México, os templos de Palanque eram consagrados ao culto do

fogo, cujo o símbolo era a inseparável cruz.

No Fenícia, a deusa Astarte (a Vênus) era representada com um cetro na mão encimado por uma cruz.

Os Índios, nas suas danças sagradas, ostentavam um emblema que no meio do circulo radiante (Sol) tinha uma cruz suástica, simbolo do fogo.

Em altares gaulês da Antiguidade se vê também gravada a suástica e na estátua de um deus gaulês aparece também, como sinais hieráticos, a suástica a cruz simples, grega ou latina.

Cerca de 1300 anos antes de Cristo, os sete chefes diante de Tebas, capital da Beócia na Grécia,(não confundir com Tebas do Egito) levavam como insígnia a cruz sobre o disco solar.

Num momento consagrado a Mercúrio aparece ainda a cruz. Vêmo-la também nos ornatos de Baco (outro deus pagão) bem como veste do deus Apolo.

Numa pintura a fresco em Herculano vê-se o Amor conduzindo Diana ao encontro de Endimião, o pastor amado. O cupido tem no alto da cabeça a cruz como símbolo do fogo, do ardor amoroso que abrasa o coração...

Em Pompéia também o jovem deus é adornado com a cruz na cabeça; sinal que também aparece na cabeça dos sacerdotes pagãos.

E não quero falar no significado da coroa aberta na cabeleira dos nossos padres... pelo menos agora.

Seria interminável a enumeração das provas de quanto o culto da cruz é muito anterior à religião cristã que não fez mais do que adotá-lo e adaptá-lo às necessidades místicas do seu credo.

Enesto Gil

(Novembro de 1929, Revista A Aurora. Porto, Portugal)

Extraído:

Livro: UM SÉCULO DE HISTORIA POLITICO-SOCIAL EM DOCUMENTOS II

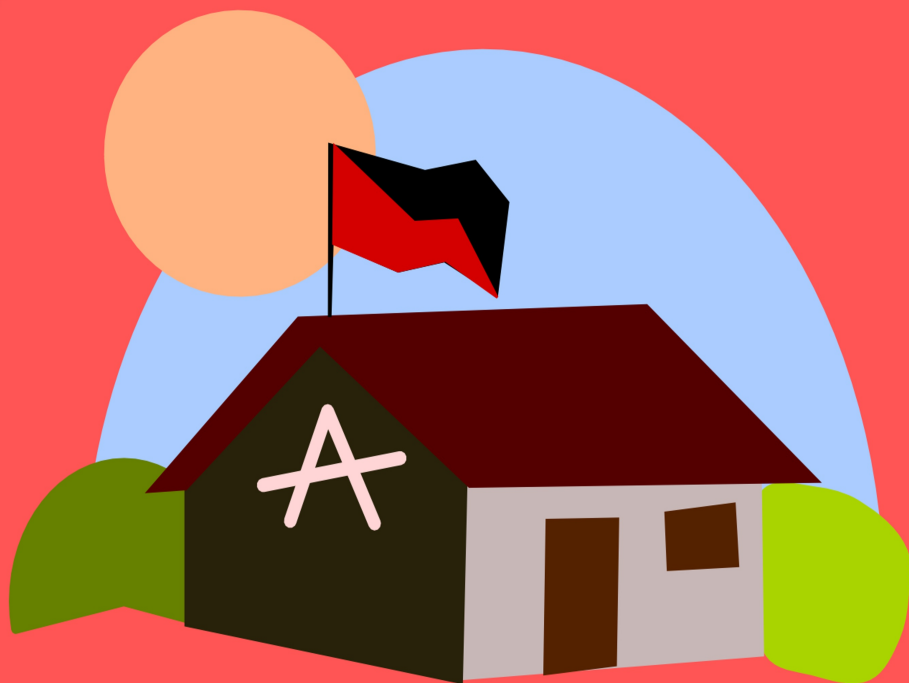
Autor: Edgar Rodrigues

Paginas:51 á 54

Ano:2007

Editora: Achiámé

26 Aurora Obreira Junho 2015



NOSSA Casa NOSSA luta!

Iniciativa por espaços
sociais autônomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado
anarkio.net - fenikso@riseup.net

Vizitu nian
interetan paĝon



HTTP://ANARKIO.NET



- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS